

Contos arrepiantes da História de Portugal

RUI CORREIA
ANTÓNIO F. NABAIS
TEXTO
HÉLIO FALCÃO
ILUSTRAÇÕES



NUVEM DE TINTA

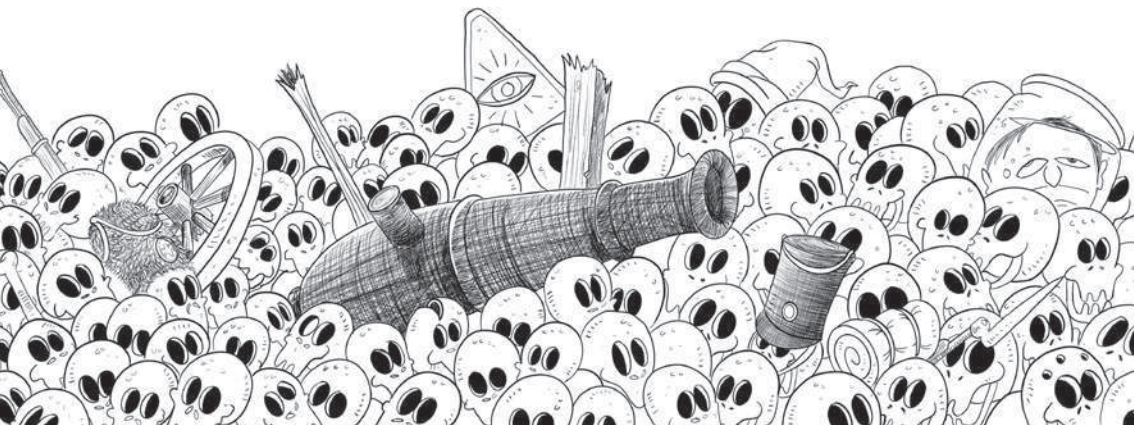


ÍNDICE

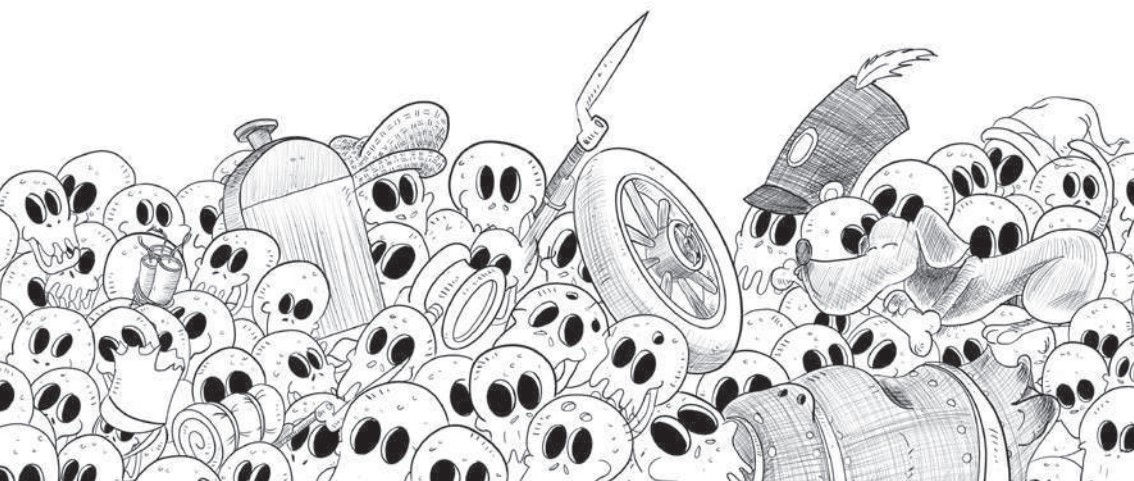


ONDE??

Laranjas depois do Rossilhão	6
O sarnento <i>Grand Armée</i>	8
A maior mudança de casa da História	10
Mosquetes, chuços e dragões	12
À grande e à francesa	14
Os fuzilamentos das Caldas	16
Ir para o <i>Maneta</i>	18
Mortes no Douro	20
O guerreiro sem descanso	22
O rei que abdicou duas vezes	24
O cortejo dos enforcados	26
<i>Malhados e corcundas</i>	28
<i>A carneirada pedreira</i>	30
O mar que trouxe um rei	32
O cerco do <i>Mata-Malhados</i>	34
Chuva de pedras e patacos	36
A mais estranha batalha do mundo	38
O <i>Remexido</i>	40



<i>A cabeça do Pancada</i>	42
Do Telhado até ao chão	44
Marias da Fonte	46
A guerra do pé descalço	48
Que cheirete!	50
Loucas, loucas locomotivas	52
Como Portugal atravessou a África	54
Macololos e Machonas	56
Um escritor que mais parece um livro	58
Uma República muito rápida	60
Ngungunhane e Mouzinho	62
A revolta do grelo	64
O massacre do Cunene	66
O <i>Arreda</i>	68
Monarquia sem monárquicos	70
Portugal sobre um vulcão	72
O cadáver da Boca do Inferno	74



LARANJAS DEPOIS DO ROSSILHÃO

E stávamos no século XIX. De França chegava a notícia de que, se preciso fosse, se cortava a cabeça aos reis — que é uma coisa que faz muito mal à saúde, principalmente à dos reis. Por essa razão, as monarquias de toda a Europa viviam com medo de que o mesmo pudesse vir a acontecer nos seus reinos. Não nos esqueçamos de que muitas das famílias reais europeias pertenciam à mesma família que os decapitados franceses de Bourbon. Também em Portugal se sentiu esse medo do que pudesse acontecer se um dia essas ideias chegassem cá.

Por causa disso, muitos foram os países que tentaram invadir França para aí restaurar a monarquia. Procuraram, por todos os meios, derrotar os franceses e acabar com tudo o que por lá se passava. Áustria, Prússia, Rússia, Inglaterra e Espanha uniram-se para esse fim. Portugal também foi arrastado para esta luta e mandou 6 mil homens para lutar no Rossilhão, uma região junto aos Pirenéus.

O exército dos aliados luso-espanhóis entrou em França e conseguiu algumas vitórias, mas depois aconteceu o que já se esperava: os franceses contra-atacaram, destruíram o exército invasor e chegaram mesmo a invadir Espanha. Os espanhóis entraram em pânico e assinaram à pressa uma aliança com os franceses. Os portugueses foram de repente abandonados pelos espanhóis, que os tinham chamado para a guerra. Portugal e Espanha passaram de aliados a inimigos de um dia para o outro.

Com o desastre da campanha militar do Rossilhão, o exército português ficou uma lástima. Napoleão exigiu ao príncipe regente, D. João, que retirasse as suas tropas, fechasse os portos aos ingleses e lhe entregasse vastas regiões do país. D. João não soube o que responder. Impacientes, os espanhóis invadiram Portugal pelo Alentejo e conquistaram Campo Maior, Juromenha e Olivença (praça que nunca mais seria devolvida a Portugal). Os únicos que nos apoiaram neste combate contra Espanha e França foram os «franceses brancos» — franceses que queriam recuperar a monarquia absolutista e odiavam Napoleão. O exército invasor era liderado pelo poderoso ministro espanhol Manuel Godoy, que ao entrar em Portugal mandou colher um cesto de laranjas para enviar a Maria Luísa, rainha de Espanha (de quem se dizia que era amante secreta de Godoy e tinha dentes feitos de pérolas). Manuel Godoy percebeu que não podia avançar mais sem o apoio do exército francês e retirou. E assim se fez a guerra das laranjas. Em 1803 ainda se assinou um tratado de neutralidade, em que Portugal aceitava pagar aos franceses 25 milhões de cruzados, uma quantia enorme. Mas mesmo isso não serviu para evitar a invasão que Napoleão estava já a preparar para Portugal.

O SARNENTO GRANDE ARMÉE

Se há momentos da história de Portugal que são traumatizantes, um deles é o das invasões francesas. Ver as tropas do mais poderoso exército do mundo, o *Grande Armée* francês, entrar por Portugal adentro a roubar, incendiar, violentar e destruir tudo o que aparecia no caminho foi mesmo arrepiante. Todos sabiam que não havia nada que pudessem fazer contra os franceses. Nem mesmo os ingleses. Não admira que o rei tenha decidido fugir para o Brasil.

Agora imagina a cara de espanto dos lisboetas quando começaram a ver as tropas francesas entrar em Lisboa. Estavam à espera de colunas formidáveis de homens ferozes e armados até aos dentes e quem lhes apareceu foram uns grupelhos de soldados esfomeados e esgotados, de uniformes sujos e rasgados, em pequenos números, sem munições e que não metiam medo nem a uma mosca.

O cenário era miserável. Muitos dos soldados, famintos e esfarrapados, já nem armas traziam e alguns nem botas tinham; outros cobriam os pés ensanguentados com trapos de pano. Até a cavalaria entrou na cidade a pé. Mal chegaram começaram logo a saquear e pilhar tudo a que puderam deitar a mão. Invadiam todas as casas que encontravam à procura de comida. A fome era tanta entre os soldados franceses que nem deixavam que os fornos de pão acabassem de cozer.

Muitos chegavam doentes porque tinham tanta fome que no caminho até bolotas comeram, o que lhes provocou uma doença terrível chamada *enterite*, que causa febres, vômitos, diarreias e cólicas violentas. Outra doença que se espalhou muito entre os franceses foi a sarna, que é muito contagiosa e provoca uma comichão insuportável.

O estado destas tropas tinha justificação. Tinham saído de Bayonne, França, havia um mês. Em trinta dias tinham sido obrigadas a marchar mais de mil quilómetros, carregadas com armas e pesadas mochilas de campanha. Eram 30 quilómetros por dia, por caminhos de animais, apenas com breves intervalos para descanso, num inverno que foi muito chuvoso e frio e num país sem estradas, atravessando montanhas, pântanos, rios e vales. Milhares de soldados doentes e exaustos foram ficando para trás. O general Thiebault chegou a escrever que um dos seus regimentos perdera cerca de 300 homens no caminho.

Os espíões franceses tinham informado Napoleão de que a família real portuguesa se preparava para sair do país. A ideia era chegar a tempo de impedir essa fuga e capturar a família real — daí a pressa. Mas não chegaram. Junot, o general que Napoleão tinha escolhido para invadir Portugal, estava furioso com tanta humilhação.



Qualquer pessoa que chegasse a Portugal no século XIX ia logo embora, tal a balbúrdia que encontrava. Um reino destruído e pilhado por tropas francesas. Uma família real enlouquecida a fugir de Napoleão. Batalhas por todo o país, com milhares de mortos e feridos, viúvas e órfãos. No meio disto, um Brasil que decidiu ser independente. A liderar a revolução, D. Pedro, o rei português que abdicou da coroa portuguesa e depois da coroa brasileira só para regressar a Portugal e derrotar o irmão que o tinha traído. Uma sangrenta guerra civil pôs o país a ferro e fogo. Quando chegou ao fim e tudo parecia terminado, os ingleses humilharam-nos em África e os ódios partidários iriam conduzir ao extraordinário assassinato do rei D. Carlos. De resto, estava tudo bem.

EPISÓDIOS
REPELENTES,
MEDONHOS,
TENEBROSOS
VISCOSOS...




...NOJENTOS,
HORRIPILANTES,
IMUNDOS,
MALCHEIROSOS...



...FORMIDOSOS,
...ENLAMEADOS, BRUTAIS,
ASQUEROSOS

E QUE CHEGAM
MESMO, POR VEZES,
A SER DESAGRADÁVEIS, DA
HISTÓRIA DE PORTUGAL



 penguinlivros.pt
 penguinkidspt
 penguinlivros

ISBN 9789897840395



Penguin
Random House
Grupo Editorial



9 789897 840395 >